

SEGUROS EM ENERGIA

Cobertura exclusiva – VIII Encontro Anual do Comitê do Setor Elétrico – ABGR

Setor elétrico promove fórum de debate para aprimorar o investimento em seguros

DENISE BUENO ■ BELO HORIZONTE*

Ocidente com o Airbus da Air France e o pedido de concordata da General Motors são fatos suficientes para ressaltar a importância do gerenciamento de riscos e provam que este assunto tem de ser abordado de forma profissional e equilibrada. Com esta frase, Luiz Fernando Rolla, diretor de finanças e de relações com o mercado da Cemig, abriu o VIII Encontro Anual do Comitê do Setor Elétrico da Associação Brasileira de Gerência de Riscos (ABGR), realizado em Belo Horizonte, nos dias 5 e 6 de junho. “Este encontro não poderia acontecer em um momento melhor. A sustentabilidade é um tema global e o gerenciamento provém mecanismos necessários para a mitigação do risco”.

O objetivo do encontro foi divulgar as novas práticas de seguro, promover a troca de conhecimentos, além de discutir a tendência de preços e de coberturas negociadas com a indústria de seguros. “Este evento é muito importante, pois os participantes interagem fortemente, trocando informações relevantes do dia a dia da contrata-



Pezzuól, Rolla e Macrí: prioridade em gerenciamento de riscos

ção do seguro”, diz Roberto Macrí, gerente de riscos patrimoniais e seguros da Cemig e anfitrião do evento.

Os principais temas deste ano giraram em torno das necessidades das empresas do setor, que concentram a maior parte dos recursos do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC), estimados em mais de R\$ 100 bilhões, seja em geração, transmissão e distribuição até 2010. Por isso, além de discutir como melhorar a negociação com as seguradoras, a plateia queria saber mais sobre os seguros de responsabilidade civil, de garantia para respaldar os investimentos em novos projetos e também sobre a apólice que protege os executivos financeiros, conhecida como

Directors & Officers (D&O).

“Além dos seguros patrimoniais, estas modalidades de cobertura são de fundamental importância para a proteção dos interesses das corporações, tanto no que tange a responsabilidade objetiva da empresa na exploração da atividade fim, quanto das participações em leilões de energia ou projetos em geração, e a proteção do patrimônio dos administradores”, informa Celso Pezzuól, Gestor de Seguros Corporativos da CPFL Energia e Coordenador do Comitê do Setor Elétrico ABGR.

A abertura do mercado de resseguros, que fica com boa parte do risco deste setor, trouxe até agora mais dificuldades do que solução. Apesar de ter mais de 50 resseguradores, as

seguradoras locais ainda se preparam para operar no mercado aberto e por isso mostram pouco apetite em assumir grandes riscos.

Prova disso foi a ausência de propostas em dois leilões para contratação de seguro da Celesc, que encontrou na Mapfre uma parceria sem igual. “Ela nos deu uma apólice emergencial de seis meses, o que nos dá tempo de preparar um edital com informações mais detalhadas sobre o histórico da companhia”, comentou Adriano José Pereira, administrador da empresa.

O VIII Encontro reuniu os gestores de seguros dos 20 maiores grupos, entre elas Votorantim Energia, Ceron, Petrobras, AES, Eletropaulo, Light, Eletronorte, Eletrosul, Chesf, Neoenergia, Cemig, Furnas, AES Sul, Celesc, Copel, CPFL Energia, Grupo Rede, Itaipu Binacional, Energisa, Tractebel e Cteep. A realização do evento foi possível graças ao patrocínio de cinco seguradoras – Mapfre, Itaú XL, JMalucelli, SulAmérica e Bradesco Auto RE – e também da Cemig e do Governo de Minas.

**a jornalista viajou a convite da Mapfre Seguros*

RESUMO

Responsabilidade civil começa a ser uma realidade no Brasil

Pág. 2

Executivos da Mapfre oferecem jantar de boas vindas na Pizzaria Olegario

Pág. 3

Obras do setor de energia estimulam o seguro garantia

Pág. 5

Preço do seguro D&O no Brasil está em queda

Pág. 6

Causou prejuízo a terceiros? Prepare o bolso

Os gerentes de risco precisam ficar muito mais atentos para minimizar as perdas que podem ser geradas às empresas de energia diante de uma realidade cada vez mais protecionista ao consumidor. “Com o desenvolvimento, o prestador de serviço vai ser chamado, cada vez mais, para responder pela sua responsabilidade. Isso é sinal de modernidade”, alertou Walter Polido, um dos principais especialistas sobre o tema responsabilidade civil na indústria de seguros.

A responsabilidade civil no Brasil ainda engatinha. Até pouco tempo atrás, dificilmente um consumidor conseguiria ser ressarcido de um prejuízo. “Mas esta realidade mudou muito e o passado não voltará”, afirmou durante sua palestra realizada no VIII Encontro do Comitê do Setor Elétrico da Associação Brasileira de Gerenciamento de Risco da ABGR, patrocinada pela Mapfre Seguros.

Segundo ele, existe na constituição o princípio básico da dignidade da pessoa humana. “Dificilmente existirá lei ou situação que possa contrariar este princípio que vem sendo cada vez mais utilizado nas ações judiciais”, Prova disso, diz Polido, pode ser observada nas consequências das mudanças feitas nas apólices de vida. “As seguradoras tiveram o apoio da Superintendência de Seguros Privados (Susep) para mudar e houve uma onda de ações que foram impetradas contra as mudanças”, citou.

Polido acredita que o volume de perda de processos tende a ser grande em razão



Polido: o consumidor é rei e sempre ganha ações na Justiça

do princípio de dignidade. Muitos consumidores venceram por este argumento. Quem compra seguro de vida pensa em tranquilidade no longo prazo para sua família. O mesmo princípio pode ser usado no setor de energia, como, por exemplo, não permitir o corte da energia, pois faz parte da promoção da família.

A responsabilidade civil em energia começou a ganhar destaque com as privatizações nos anos 90. Era raro que empresas estatais comprassem seguro de responsabilidade civil, pois o acidente já estava calculado dentro da precificação tarifária. A partir da privatização, a primeira reação foi minimizar custos e também prejuízos. O gerenciamento passou a ser uma técnica para prever riscos e o seguro tem sido um instrumento para transferência e mitigação de situações imprevisíveis.

ORC ainda não é uma realidade brasileira. Poucas pessoas compram, por exemplo, o RC facultativo de automóveis. E quando o fazem, o valor para acidente fatal com o veículo é baixo, em torno de R\$ 40 mil. “Isso porque a vida do brasileiro vale muito

pouco. Em juízo, a vida gira em torno de R\$ 100 mil. Já na Argentina, o patamar é bem mais elevado, com média de US\$ 500 mil. Esta realidade só vai mudar quando houver um avanço nos pedidos de indenização, o que começa a começar”, diz.

Estimulada pela crise econômica, que reduziu ganhos financeiros, a tendência é de que o assunto vire moda na tentativa de livrar a empresa de custos com perdas decorrentes de terceiros ou que ela mesma tenha causado ao consumidor, seja por perda de lucro ou de bens patrimoniais por interrupção de fornecimento.

De uns anos para cá o consumidor se tornou rei e quase sempre ganha na Justiça quando pede uma reparação de prejuízo. Em qualquer setor. Diante desta realidade, é importante que fique bem claro qual a responsabilidade de cada empresa. Quanto uma falha da geradora afetará a transmissão e distribuição? Quem será responsabilizado? “Isto tem de estar bem claro nos contratos, pois para a Justiça baseada nas novas leis de direito do consumidor o que realmente importa é: se hou-

ve prejuízo, quem vai pagar a conta”, reforça Polido.

Em 1998, foi criado um novo texto de cobertura para vários setores, em função das privatizações. O clausulado desenhado para a cobertura de RC conta com dois limites. Um para os seguros de RC operacional, para indenizar terceiros prejudicados por explosão, queda de fiação entre outras causas do dia a dia das empresas de energia. Uma outra cobertura de RC foi desenhada para proteger a empresa de danos causados por ela mesma a terceiros, chamada RC produtos e operações.

O mercado externo oferece cobertura para queda de interrupção, mas não é um produto pronto, de prateleira. Os mercados internacionais estabelecem requisitos para aceitar este risco. O segurado tem de provar que havia gerenciamento total do risco, interligação das redes, tecnologia de ponta e mesmo assim as franquias são elevadas. Trata-se de um produto para riscos catastróficos e não para um liquidificador ou um chuveiro danificado por oscilações da rede. Um risco catastrófico, por exemplo, seria o de uma montadora de veículo parar pela interrupção de energia.

O risco é tão grande que não é transferido 100%. Geralmente estas empresas têm cativas para ter a cobertura que a indústria de seguros não aceita. Mas esta é uma opção não válida atualmente, pois as cativas ficam em paraísos fiscais, que estão sendo duramente criticados com a crise e podem vir a ter um novo formato no pós-crise.

POR DENTRO DO ASSUNTO



O evento reuniu os principais gestores de energia dos 20 maiores grupos do País, formados por mais de 100 empresas. Dados não oficiais projetam receitas anuais de R\$ 80 bilhões entre as geradoras, transmissoras e distribuidoras de energia.



Carlos Henrique Carvalho, de Furnas, aproveitou o encontro para tirar dúvidas do seguro D&O, que a empresa começa a contratar a partir deste ano.

O maestro Luiz Flávio, do Coral GREMIG, da Cemig, emocionou a plateia ao tocar no saxofone o Hino Nacional na abertura oficial do VIII Encontro Anual do Comitê do Setor Elétrico.



Os executivos da Mapfre, Regina Bálamo, gerente de negócios do setor público, Sergio Barbosa, diretor comercial, e Flavia Diniz, gerente da Sucursal da Mapfre em Belo Horizonte organizaram o jantar de boas vindas, na Pizzaria Olegário, e participaram da primeira manhã de debates, proporcionando aos participantes do comitê a oportunidade de aprofundarem seus conhecimentos em seguro de responsabilidade civil com a palestra de Walter Polido, o maior especialista do Brasil no assunto.



Você faria seguro com uma empresa

que tem 4.273 escritórios, está em 44 países,

tem 50 mil corretores e 70 milhões de clientes?

Então, bem-vindo à MAPFRE: a seguradora diferente.

A MAPFRE está no Brasil há 53 anos e é a primeira no ranking entre as seguradoras estrangeiras não ligadas a banco. Mas não é isso que a torna uma seguradora diferente. A MAPFRE é feita de pessoas que passam por imprevistos como você e sabem quanto um seguro é importante nessas horas. É por isso que oferece mais de 80 soluções em seguros, perfeitos para cada fase da sua vida. Afinal, mais do que seguros, o objetivo da MAPFRE é proteger tudo aquilo que é importante para você. Pode perguntar para qualquer um dos nossos 15 milhões de clientes no Brasil.

Procure um corretor de seguros MAPFRE ou acesse: www.mapfre.com.br

GARANTIAS VIAGEM RESIDENCIAL
PREVIDÊNCIA CONSÓRCIO
AUTOMÓVEL MOTO CAMINHÃO AUTOMÓVEL
ALUGUEL VIAGEM IMOBILIÁRIO CELULAR VIAGEM AERONÁUTICA
INVESTIMENTOS MOTO VIDA PREVIDÊNCIA AGRÍCOLA AERONÁUTICA
CRÉDITO RESIDENCIAL PREVIDÊNCIA



MAPFRE
SEGUROS

A seguradora diferente.

Seguro garantia fica escasso com a crise

Depois de vivenciar dois anos de farta capacidade e taxas baixas, a atual realidade do seguro de garantia de crédito é de redução de investidores interessados e aumento da sinistralidade, que já começa a ser sentida pelo consumidor brasileiro. “Garantia é um segmento que tem forte dependência do resseguro e por isso sofre com o cenário externo”, disse Alexandre Malucelli, presidente da JMalucelli Re durante sua palestra no VIII Encontro Anual do Comitê do Setor Elétrico da ABGR.

No garantia, a crise tem um efeito mais retardado, porém será sentido com mais ênfase no segundo semestre. Empresas boas enfrentam dificuldade de liquidez, o que deverá se normalizar no próximo ano. “Hoje o que vemos são empresas pequenas obtendo a cobertura por estarem dentro dos limites dos contratos automáticos. Já para grandes projetos as taxas estão mais elevadas e mesmo assim faltam recursos para prover a capacidade”.

Tentar projetar um futuro por enquanto ainda é uma missão quase impossível. Para Malucelli, o futuro próximo destes dois segmentos de seguro é de consolidação, reduzindo o número de concorrentes. “Já vemos muitos efeitos em diversas áreas com a falta de cobertura para projetos importantes”. Segundo ele, as companhias ficarão ainda mais seletivas em razão da lucratividade ter de vir do operacional, uma vez que do financeiro

será difícil, com taxas de juros declinantes e investidores com aversão a risco neste momento. Os bancos começam a voltar a competir com o seguro garantia ofertando fiança bancária. “Esses fatores criam um cenário desafiador e cheio de oportunidades”.

Já o seguro de crédito, cujo efeito é mais imediato do que o de garantia, deverá passar por uma forte reformulação. As seguradoras de crédito enfrentam sérios problemas com a inadimplência na crise. Segundo Malucelli, durante suas conversas com resseguradores a sobrevivência do seguro de crédito é muito questionada.

EXPANSÃO NO BRASIL - O crescimento econômico do Brasil tem estimulado fortemente o seguro de ga-



JMalucelli Re renova contrato automático

rantia. A previsão da JMalucelli é de que os prêmios deste segmento vão atingir R\$ 643 milhões em 2009 e R\$ 803 milhões em 2010. A expectativa considera a crise, que será compensada pelos projetos de infraestrutura que não podem esperar outro momento para serem iniciados, como

as que fazem parte das exigências da Fifa, que escolheu 12 cidades brasileiras para sediar os jogos da Copa do Mundo em 2014.

O seguro garantia encerrou 2008 com prêmios de R\$ 499 milhões, evolução de 43% sobre 2007, que já tinha avançado 77% sobre 2006. No primeiro quadrimestre deste ano, o segmento exhibe crescimento de 75%. “Temos aqui o seguro da Usina Santo Antonio, do Rio Madeira, que representa R\$ 130 milhões, mas mesmo assim percebemos o crescimento acelerado do setor neste cenário de crise.”

Depois de desenvolver o seguro e abrir novas frentes, como o judicial, por exemplo, o desafio agora é tornar o produto mais aceito entre os juizes, que pedem um prazo maior de cobertura, e resolver o impasse criado pela Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) ao não permitir que a seguradora e o ressegurador do contrato de seguro garantia ofertado nos leilões sejam do mesmo grupo. “Estamos solucionando estes problemas”, respondeu Malucelli aos gestores.

A abertura do resseguro tende a pulverizar os negócios com a entrada de novos competidores. “O que é bom para todos”, comentou o executivo. A retenção de risco das seguradoras neste segmento é de apenas 20%, o que evidencia tratar-se de uma carteira fortemente focada no resseguro.

OBRAS DO SETOR DE ENERGIA PREVISTAS NO PROGRAMA DE ACELERAÇÃO DO CRESCIMENTO (PAC)

Projetos	Estados	Valores (R\$/milhões)
Hidrelétrica Santo Antônio	Rondônia	5.700
Hidrelétrica Jirau	Rondônia	6.440
Linha de Transmissão Tucuruí, Macapá e Manaus	Amazonas	1.580
Hidrelétrica Belo Monte	Roraima	2.810
Hidrelétrica de Estreito	Maranhão	3.122
Parque Eólico Pedra do Sal	Piauí	274
Hidrelétrica Ribeiro Gonçalves	Piauí	298
Hidrelétrica Uruçuí	Piauí	282
Usina Termelétrica MPX	Ceará	1.792
Parques eólicos Alegria I e II	Rio Grande do Norte	609
Termelétrica Termonordeste	Rio Grande do Norte	366
Hidrelétrica Dardanelos	Mato Grosso	735
Linha de Transmissão Norte-Sul	Distrito Federal	530
Hidrelétrica Simplício	Minas Gerais	1.193
Linha Porto Velho-Araraquara	Minas Gerais	3.600
Termonuclear Angra III	Rio de Janeiro	5.131
Hidrelétrica Paiquerê	Santa Catarina	454
Hidrelétrica Salto Pilão	Santa Catarina	787
Termelétrica Candiota III	Rio Grande do Sul	1.169
Hidrelétrica Foz do Chapecó	Rio Grande do Sul	2.138

Fonte: Comitê Gestor do PAC (portal do governo brasileiro)

D&O cresce em ritmo acelerado no Brasil

A crise americana com créditos hipotecários de alto risco, conhecida como subprime, trouxe fortes perdas para o seguro de responsabilidade civil de executivos, conhecido como Directors & Officers (D&O). Bianca Filgueiras, responsável pelo seguro D&O na SulAmérica e palestrante do segundo dia do VIII Encontro do Comitê do Setor Elétrico - ABGR, informou que a realidade brasileira é diferente neste momento.

Mundialmente, o cenário para este produto é de alta de preço e de restrições de cobertura, principalmente para as instituições financeiras, as mais afetadas pela crise mundial. Em 2008, o segmento registrava mais de 300 ações de acionistas que se sentem lesados por perdas financeiras decorrentes de má gestão. O caso da fraude do Société Générale e do escândalo Madoff pioraram ainda mais o cenário de crise. No Brasil, os principais casos que correm na Justiça é o da Sadia e Perdigão, onde acionistas questionam a exposição das empresas em derivativos, que causou milhões de reais em prejuízo.

O temor das seguradoras é ter um ano como no início do século 21. As maiores perdas em D&O foram iniciadas com a quebra da Enron, que gerou acordos com acionistas de US\$ 7,1 bilhões. A WorldCom é a vice líder em indenizações, com US\$ 6,1 bilhões. A Cedant gerou indenizações de US\$ 3,5 bilhões.



Bianca: projetos de energia geram negócios para seguradoras

A boa notícia é que para empresas fora do setor financeiro o preço é ainda declinante, segundo pesquisa da corretora Aon, sobre o desempenho do produto no primeiro trimestre deste ano. O setor elétrico, onde várias empresas começam agora a contratar este tipo de seguro, conta com mais uma vantagem: a forte concorrência no Brasil é um aliado a mais para obter preços e condições melhores das seguradoras ávidas por conquistar este mercado em franco crescimento.

As empresas que mais contratam o seguro de D&O são aquelas que negociam seus papéis no mercado acionário. Nos Estados Unidos, 98% das empresas já compram este produto para proteger o patrimônio de seus executivos. Na Europa, 80%. As empresas latinas que negociam ADR na bolsa de valores americana são outro grande nicho de dis-

puta para a venda de D&O.

O Brasil conta ainda com um pequeno número de contratos, em torno de 1,2 mil. Mas tem crescido rapidamente. No primeiro quadrimestre deste ano, o ramo acumula prêmios de R\$ 40 milhões, bem acima dos R\$ 27 milhões do mesmo período do ano anterior. A Itaú Unibanco é a maior do Brasil, com prêmios de R\$ 15,2 milhões, incluindo a Unibanco, a Itaú e a Itaú XL. A SulAmérica é a segunda maior, com R\$ 6,1 milhões, seguida pela Zurich, com R\$ 5,4 milhões, Chubb, com R\$ 4 milhões, e ACE, com R\$ 3,5 milhões.

“A apólice tem sido uma exigência dos executivos, uma vez que a legislação no Brasil se tornou mais severa do que em outros países em razão da penhora online”, diz a executiva. Além do mais, a crise só fez elevar o interesse pelo produto por aguçar o sentimento de risco a que todos estão

expostos. Uma pitada a mais neste cenário vem dos bilhões em investimentos previstos em projetos de infra-estrutura para suportar o crescimento do País e também dos preparativos para a Copa de 2014.

Bianca mal conseguia dar seqüência a sua palestra diante de tantos questionamentos e curiosidades da plateia. Uma das dúvidas era se em uma empresa estatal, com indicação política de um presidente, sem experiência com a sua função, haveria cobertura do seguro. Segundo Bianca, sim, pois quem vai dizer se o administrador é responsável ou não pela perda é o juiz e não a seguradora. “Se ele não está preparado para o cargo, não deveria aceitar nos dias de hoje, com penas tão severas determinadas pelas novas leis”, observa.

Os gestores de riscos também queriam saber se poderiam contratar o seguro apenas para um grupo específico de executivos. Bianca explicou que diferentemente de outras apólices, onde a limitação de cobertura traz economia de custos, no D&O isto traria aumento de custo. “Para a seguradora, cobrir apenas os executivos indicados seria uma forma de agravar o risco. O contrato cobre dos conselheiros até os profissionais com poder de gestão”, informou. Os advogados contratados fazem parte da cobertura e os terceirizados estão excluídos da apólice tradicional. “É preciso negociar a parte”.